

Universidade do Estado do Amazonas  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Colegiado de História

**RELIGIÃO, JUVENTUDE E UNIVERSIDADE:  
O PERFIL DOS JOVENS ESTUDANTES DO CURSO DE HISTÓRIA DO CESP/UEA**

---

Cristian Sicsú da Glória<sup>1</sup>  
Diego Omar da Silveira (orientador)<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa busca traçar o perfil dos jovens de Ensino Superior do Curso de História da Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, analisando em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos estudantes. A metodologia utilizada foi a de *survey* aplicado ao universo total dos graduandos em História, o que nos permite comparar os resultados com pesquisas realizadas com estudantes universitários de outras partes do país, inferindo eventuais cho-

---

<sup>1</sup> Graduando em História no CESP/UEA. E-mail [cristhiansicsu73@gmail.com](mailto:cristhiansicsu73@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Curso de História do CESP/UEA [diegomarhistoria@yahoo.com.br](mailto:diegomarhistoria@yahoo.com.br)

ques entre religião e ciência, bem como o quanto os jovens imputam à experiência universitária o afastamento progressivo de antigas crenças e práticas religiosas.

**Palavras-chaves:** Religião, Juventude, Universidade, História, Parintins.

### **Questões preliminares**

A introdução da juventude como um tema caro aos cientistas sociais de religião no Brasil se deu, a partir de finais dos anos 1990, em função das mudanças no perfil religioso da população diagnosticadas pelos censos demográficos e pesquisas de opinião e que impunham aos pesquisadores novos questionamentos, o que incluía a observação das crenças e comportamentos recortados em diferentes faixas etárias. Por fim, o processo de redemocratização do país e o ímpeto renovado na ideia de cidadania(s) pressupõe analisar com mais cuidado as perspectivas abertas para a juventude, inclusive naquilo que implicava em sua participação no mundo da comunicação e da política (Cf. Camurça; Perez; Tavares, 2009).

Especialmente na universidade, as crenças (e descrenças) dos jovens parecem encontrar espaços para uma sistematização mais cuidadosa e (auto) reflexiva (Cf. Jungblut, 2001). Frente a currículos que instigam uma percepção crítica dos dogmas e verdades religiosas, uma análise metodologicamente estruturada a partir dos cânones da ciência e mediante uma abertura para o debate quase nunca encontrada nas escolas de ensino básico, nas universidades os estudantes se sentem a vontade para rever conceitos e efetuar escolhas, levando em consideração a ampliação do leque de possibilidades.

A pesquisa nasce do trabalho desenvolvido no Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC), que buscou analisar em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos jovens estudantes, abordando as turmas mais recentes de cada curso de licenciatura do CESP, atualmente são oferecidos na Universidade do Estado do Amazonas, oito cursos de licenciatura: Biologia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química. Tendo como objetivo analisar indivíduos na faixa etária dos 15 aos 24 anos, o *survey* foi aplicado nas turmas de 1º e 3º ou 2º e 4º períodos, variando com relação ao ingresso dos estudantes na Universidade. A pesquisa foi desenvolvida pelo professor Diego Omar da Silveira (Orientador) e Cristian Sicsú da Glória (Bolsista) no período de 2016 a 2017.

Para esta pesquisa, buscaremos traçar o perfil dos estudantes do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas (Campos Parintins), com o intuito de compreender em que medida a vida universitária (nas salas de aula e fora delas) altera as visões de mundo desses jovens e relativiza os consensos religiosos fabricados

ao longo de suas trajetórias nas famílias e igrejas, analisando em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos jovens estudantes, constatando eventuais choques entre religião e ciência, bem como seus impactos sobre escolhas religiosas dos jovens no curso de História e discutir em que medida os jovens imputam à experiência universitária o afastamento progressivo de antigas crenças e práticas religiosas.

A pesquisa “Juventude, Religião e Universidade: O perfil dos jovens do Curso de História do CESP-UEA” teve seu início com a aplicação de um *survey* entre os alunos do 3º, 5º e 7º período do Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins, o *survey* contou com uma amostra de 63 questionários aplicados.

Os estudantes que responderam ao questionário o fizeram após uma breve explicação do seu conteúdo e da não obrigatoriedade da identificação dos entrevistados, sendo assim preservada sua identidade em possíveis publicações acadêmicas e pesquisas científicas. O tratamento e a veiculação dos dados seguem os códigos de ética que regem pesquisas envolvendo seres humanos (cf. Resolução do CNS nº 466/12).

O principal trabalho dessa primeira etapa foi elaborar um questionário que, ao mesmo tempo, dialogasse com outras pesquisas desenvolvidas em universidades brasileira (em especial do Sul e do Sudeste) que desse conta de cobrir uma lacuna de informações sobre Amazônia, atendendo aos nossos objetivos específicos, ou seja, investigar as interfaces entre religião e ciência na vida dos jovens. Consultamos vários trabalhos já publicados, entre os quais: CERIS: Perfil da Juventude na PUC-Rio; UFRGS: Religião e Política nos alunos de Ciências Sociais; PUC-RS: Ideias e Aspirações do Jovem Brasileiro sobre Conceitos de Família; INEP: Indicadores de Qualidade da Educação Superior 2015; UFSCAR: Representações de Sagrado por estudantes universitários; UFMG: Adesão religiosa e política entre estudantes da FAFICH/UFMG.

O *survey* contou com 61 perguntas, estruturadas em 5 blocos: Identificação; Crenças religiosas; Universidade; Crenças religiosas e vida acadêmica; Crenças religiosas e participação cívica. O questionário procurou abordar o máximo de informações que levassem a uma visão mais criteriosa em relação ao jovem, religião e universidade. Após, à aplicação dos questionários, os dados obtidos foram reunidos e convertidos em porcentagem.

## **Juventude**

O campo de estudos da religião e juventude no Amazonas tem se desenvolvido timidamente em relação as demais pesquisas produzidas na região, onde encontramos lacunas bastante significativas. O que chama à atenção para a baixa frequência de estudos sobre os jovens e as religiões, levando em conta que este fenômeno é um

elemento importante na produção e reprodução das práticas culturais presentes na sociedade. No entanto, é possível identificar uma grande produção científica voltada para o campo de estudos da religião e juventude principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país, abordando um campo bastante diversificado e interdisciplinar.

A partir dessas produções é possível traçar uma ampla discussão acerca do conceito de Juventude. A primeira questão que esbarramos está pautada na constituição da juventude como uma condição específica da vida, que demanda preocupações e cuidados próximos, diferentemente do período que caracteriza a Idade Média, onde não havia a percepção da juventude, nem da criança como um espaço privado, segundo o autor, na velha sociedade tradicional, as coisas eram bastante diferentes, à criança e a adolescência não eram vistas como período da vida que necessitassem de cuidados especiais e eram logo inseridos no mundo do trabalho (cf. Tavares; Camurça, 2009).

No entanto, a partir do século XVII, ocorreram grandes transformações principalmente na forma do aprendizado, “a sociedade passa a considerar a necessidade de uma “quarentena” na qual o aprendizado especializado seria condição para a formação moral do novo homem” (Tavares; Camurça, 2009, p. 22). É o momento onde os pais e as mães visualizam a responsabilidade pelos estudos dos filhos, atribuindo os princípios tradicionais que giram em torno dos bens e da honra. Tavares e Camurça (2009), afirmam que:

A família como nós conhecemos hoje é algo bastante diferente da experiência vivida até o século XVIII. Hoje ela funda-se sob os laços mais autênticos e profundos de afetividade, planejando-se cuidadosamente, no espaço privado e sacrossanto do ambiente doméstico, a felicidade dos filhos através de uma vigilância cuidadosa da educação, levada a cabo pela escola, além de outras dimensões como a moral, da higiene, saúde, sexualidade, etc. (Tavares; Camurça, 2009, p. 22).

Nas mais diferentes cenas urbanas, das metrópoles aos interiores, a natureza da experiência juvenil é complexa e encontra-se atravessada por experiências inerentes a essa condição transitória, de sujeitos que ainda não são adultos, já tendo deixado de serem crianças (cf. Borelli; Rocha; Oliveira, 2009). Sua conceituação não é, por isso, fácil, nem universal, mas envolve, de acordo com Marcelo Camurça, Léa Perez e Fátima Tavares (2009), um conjunto de “culturas e valores” presentes tanto na sociedade atual, quanto nas culturas de cada bairro, família e escola que esses jovens integram. De acordo com Paul Singer, isso se dá contemporaneamente de maneira dramática, tendo em vista os processos de crise da tradição em curso, que levam à cisão, cada vez maior, entre a obediência aos “pais e avós, aos patrões e governantes” e as

possibilidades de construir um novo mundo, mais justo e mais livre do que o mundo em que vieram à luz (Abramo; Branco, 2011, p. 29).

Nessa direção identificamos a condição juvenil como um espaço de constantes transformações, que configura uma realidade que permanece desconhecida em suas práticas, valores e modos de vida. A juventude na sociedade sempre foi caracterizada com uma inegável singularidade que se inicia em busca por autonomia, marcado pela construção de elementos da identidade e posições ideológicas (cf. Sposito, 2005).

Durante esse processo de construção de conceitos é possível encontrar mudanças frequentes na postura ideológica, política e de engajamento dos jovens, que vem se desenrolando nos últimos anos com a grande facilidade de comunicação e troca de ideias, proporcionadas principalmente com o advento da internet e os meios de comunicação. O uso desses mecanismos tem sido cada vez mais utilizado como forma de expor opiniões, posicionamentos políticos ou reivindicações de direitos sociais, e esses jovens acabam se tornando o público alvo de políticas públicas e cada vez mais incorporados nos discursos de políticos.

Paul Singer nos oferece uma interessante problematização sobre a “juventude como coorte”, uma noção operacionalizada para as pesquisas quantitativas, como as contagens de população ou censos demográficos. Desse ponto de vista, mais objetivo, são considerados jovens os sujeitos de 16 a 24 anos, divididos para efeitos de classificação em duas faixas etárias: de 16 a 19 anos e de 20 a 24 anos (cf. Borelli; Rocha; Oliveira, 2009)

Para Abramo (2005), o tema juventude tem ganhado bastante destaque nos discursos políticos. Segundo o autor, por muito tempo a visibilidade da juventude no Brasil ficou restrita a jovens escolarizados de classe média, no entanto, com o passar dos anos o debate se dirigiu aos jovens militantes dos movimentos juvenis e do engajamento em partidos políticos, ou em direção aos jovens em vulnerabilidade social. Abramo (2005), afirma que:

A percepção da juventude para além da adolescência em risco [...], é mais recente, emergindo com mais força de uns dez anos para cá. Em certa medida, como ampliação da preocupação vigente com a adolescência, na “descoberta” de que os problemas de vulnerabilidade e risco não terminam aos 18 anos, mas muitas vezes se intensificam a partir daí (Abramo; Branco, 2011. p. 39).

Nesse processo de transformação, há vários debates em curso e um deles se faz presente sobre os sentidos do termo juventude, que traduz uma disputa pelo papel que se quer atribuir a esta categoria no contexto histórico atual, e de que modo deve ser tomando como foco para as políticas públicas.

Nesse sentido diversos pontos têm sido destacados, principalmente em relação às políticas públicas e a possibilidades de participação dos jovens na conversão ou transformação da sociedade, a observação de seus valores, opiniões, atuação social e política que são desenvolvidas para avaliar como os jovens que podem vir a interferir no destino do país e também nas questões singulares que os afetam. Assim buscando verificar as características que informam a respeito das situações de inclusão e exclusão dos diferentes subgrupos de jovens, e sobre as vulnerabilidades que os afetam especialmente, são pontos para se traçar os focos principais para as políticas sociais necessárias (cf. Abramo, 2005).

São abordagens que devem ser complementares para a compreensão abrangente do tema em relação aos traços e sentidos das experiências dos jovens na conjuntura atual. A condição juvenil abordada pelo autor pode ser interpretada a partir de algumas fases ou períodos presentes na vida de cada jovem, o primeiro momento aparece na transição entre a infância e o desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual), atrelado ao processo de amadurecimento da vida adulta, que segundo o autor, dizem respeito às dimensões de produção, reprodução e participação nos deveres e direitos que regulam a sociedade, o autor afirma:

tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornam os elementos centrais de tal condição juvenil (Abramo, Branco, 2011, p. 41).

Tal condição juvenil se baseia na preparação dessa juventude para uma realidade mais concreta da sociedade. No entanto, é preciso levar em consideração as mudanças historicamente impressas a essa condição, que exigem a ampliação do foco de análise, as mudanças ao longo do século, trazidas pelas transformações econômico-sociais, no mundo do trabalho, no campo dos direitos e da cultura, que ocasionam essas mudanças e se atrelam principalmente na valorização da imagem e valores dos jovens, que nos últimos anos tem tido um grande aumento em relação ao número populacional. .

De acordo com Antonio Lassance, em seu texto “Brasil: jovens de norte a sul”, é perfeitamente possível falar em um “jovem brasileiro”, muito embora não se possa “supor daí, que eles sejam iguais em todo o país, pois é notório o quanto há matizes

em seu perfil e sua condição, por mais que sejam aproximados” (Abramo; Branco, 2011, p. 84).

No que diz respeito à religião, muitos outros trabalhos corroboraram a perspectiva que desenhava uma juventude em busca de autonomia, “marcada tanto pela construção de elementos da identidade – individual e coletiva – como por uma atitude de experimentação” (idem, p. 89). Afinados a uma sociologia das crises religiosas de matriz francesa (cf. Hervieu Léger, 2008), o que se supunha era que o peso das tradições e das identidades religiosas dos pais pesa cada vez menos sobre os jovens, aumentando assim o seu rol de escolhas e, conseqüentemente, a mobilidade religiosa (cf. Oliveira; Mori, 2012).

Além disso, há indícios muito fortes de que, diante de um cenário de maior liberdade, os jovens tendem a rechaçar as religiões institucionalizadas (na qual a gestão do sagrado ocorre de maneira burocrática) em nome de experiências individuais que podem ser constantemente refeitas a partir de interesses momentâneos e de crenças menos estruturadas e duráveis (Bauman, 1999; Hervieu-Léger, 2008).

Nas palavras de Novaes (2006, p. 142), “para os jovens de hoje existem novas possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades, em uma síntese pessoal e intransferível e assim se abrem [também] novas possibilidades sincréticas. Expande-se o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas na dimensão estritamente religiosa, mas também como recurso terapêutico e medicinal”.

### **Campo religioso no Norte do país**

Trazendo a discussão para uma região mais próxima do *lócus* da pesquisa, iremos abordar as transformações no campo religioso no norte do país, que atinge uma grande parcela da população e principalmente a juventude. Segundo os dados estatísticos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) algumas pesquisas qualitativas têm demonstrado uma intensa transformação do campo religioso no norte de nosso país. De acordo com o *Atlas da Filiação Religiosa no Brasil* (Jacob et al., 2003, p.33), “o período de 1980 a 2000 se caracteriza por um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução drástica do número de católicos e um forte aumento do número de evangélicos, principalmente dos pentecostais, é possível identificar um expressivo crescimento das pessoas “sem religião”. Essa tendência foi confirmada também pelo Censo de 2010, que situa o estado do Amazonas entre aqueles em que há de maior queda percentual de católicos, porém, um correspondente aumento dos que se declaram sem religião.

Bianchezzi e Silveira (2015) apontam em seu trabalho que há pouco mais de cinco décadas uma série de estudos que tinham por objetivos lançar olhares mais globais sobre a Amazônia acabaram por formular, em termos genéricos, algumas linhas de interpretação sobre a experiência religiosa das populações locais. Um mesmo quadro traçado por Charles Wagley (1977) e por Eduardo Galvão (1976), que puderam observar no cotidiano das populações ribeirinhas uma mistura de elementos que compõem “a fé cristã do colonizador europeu e as crenças das populações indígenas, com seus universos mitológicos permeados de seres mágicos”.

Como já observamos em nosso projeto de iniciação científica, os três autores citados também apontaram, em algum limite, para a chegada de judeus, espíritas, protestantes (cf. Vidal, 2003) ao Amazonas, mas não dedicam grande atenção à penetração desses “outros” no território. Mais ou menos pela mesma época, a consolidação das obras sociais católicas no estado e a criação de prelazias e dioceses acentuam ainda mais o “papel civilizador” da Igreja Católica entre os povos da Amazônia, tornando a diversidade religiosa ainda mais invisível.

Em meio a esses grandes processos que vem ocorrendo na Amazônia, podemos perceber a forte presença do catolicismo tanto nas capitais como nas cidades do interior do estado. No entanto, o crescimento do protestantismo na região vem se tornando cada vez mais forte, principalmente o crescimento dos pentecostais.

Em todos os casos a população presente na Amazônia ainda é vista como católicos, devido às grandes missões religiosas que ocorreram nessa região no período de colonização e que estão presentes até hoje. Por um lado, assistimos a um lento progressivo movimento de destradicionalização e diversificação do campo religioso, por outro, é possível identificar diferentes realidades que confirmam o caráter normativo de um discurso que penetra os diversos grupos da população, mantendo ativo o papel da religião na vida de milhões de “fieis e cidadãos” (Sanchis, 2001).

No Amazonas as coisas não são diferentes, as primeiras interpretações surgem a partir de estudos historiográficos e das ciências sociais que indicam o homem amazonense como religioso principalmente por meio dos hábitos e costumes dos povos indígenas e da introdução de vários outros seguimentos religiosos caracterizando um cenário híbrido e sincrético que se impõe hoje como um desafio aos estudiosos da religião (Bianchezzi; Silveira, 2015).

### **Religião e Juventude em Parintins**

Em 2016, a população do município foi registrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 112 716 habitantes, sendo o 2º mais populoso do estado do Amazonas perdendo apenas para a capital do estado (Manaus). Quando nos direcio-

namos para qual seria a religião dessa população, encontramos a religião Católica com maior predominância na cidade, cerca de 82,1% da população, como mostra a pesquisa "Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia", dos autores Clarice Bianchezzi e Diego Omar da Silveira.

No entanto, é possível perceber o movimento de outros segmentos religiosos na cidade de Parintins, que nos últimos anos tem ganhado grandes proporções como é o caso das religiões Protestantes (pentecostais, neopentecostais, adventistas, batistas, entre outras) que tem ganhado cada vez mais espaços nas áreas periféricas da cidade, assim como as religiões afro-brasileiras, outra categoria que tem ganhado um crescimento, são os sem religião, caracterizando uma grande pluralidade e diversidade religiosa (Bianchezzi; Silveira, 2015).

Em maioria, essas instituições religiosas têm ocupado cada vez mais as periferias da cidade, como é o caso das Igrejas Pentecostais, onde se é possível encontrar um público de fieis cada vez maior, no entanto, o tempo de permanências dessas instituições nesses lugares é bem diferente das instituições Católicas que apesar de ter menor número atinge um público amplo e possui uma maior duração nessas regiões, como afirma os autores:

Uma paróquia, por exemplo, conta com espaços alargados de sociabilidade e tem uma durabilidade e uma estabilidade no tempo-espaço bastante distinta daquela observada em uma igreja neopentecostal – instalada muitas vezes em locais alugados e adaptados aos rituais religiosos e, portanto, mais sucessíveis a mudança (Bianchezzi; Silveira, 2015. p. 195)

Assim como essa, outras pesquisas têm se desenvolvido, caracterizando essa diversidade religiosa no município de Parintins, que tem ganhado espaço principalmente nas pesquisas desenvolvidas nas universidades locais, como por exemplo, na Universidade do Estado do Amazonas campus Parintins, onde as pesquisas têm abordado temáticas voltadas para as religiões Católicas, Protestantes, Afro-brasileira entre outros estudos. Entre essas pesquisas destacaremos apenas algumas, como é o caso da monografia de uma aluna de graduação em História, intitulada *A importância da festa da padroeira Nossa Senhora do Carmo no contexto cultural da cidade de Parintins – AM*, defendido na Universidade do Estado do Amazonas, em 2011, a monografia vem discutir a importância das festas religiosas no contexto cultural da cidade de Parintins, abordando as relações entre a igreja e sociedade, principalmente nos festejos direcionados aos santos padroeiros em Parintins assim como em outras regiões.

Em uma visão mais geral em relação aos trabalhos que abordam o protestantismo, podemos perceber a presença de pesquisas discutindo o movimento protestante na região do baixo Amazonas, e os seus discursos de prosperidades, um exemplo é a monografia defendida pela aluna do curso de História Adriana de Souza Pires no ano de 2010, na Universidade do Estado do Amazonas, intitulada *Análise histórica do movimento protestantista na cidade de Parintins na segunda metade do século XX e início do século XXI*, as pesquisas direcionadas ao protestantismo apontam questões diversas como a influência da igreja evangélica na política partidária em Parintins-AM.

Assim como essas pesquisas, é possível identificar muitas outras pesquisas na área da religião em Parintins e em outras regiões do estado, o que caracteriza uma grande produção científica nessa área do conhecimento, que possibilita ainda mais o entendimento acerca dos movimentos religiosos na região do baixo Amazonas.

Partindo desse ponto, quando voltamos os olhares para o campo de estudos da religião e juventude, encontramos muitas lacunas acerca da produção acadêmica dos estudos, tendo em vista que nos últimos anos a cidade de Parintins tem sediado inúmeros eventos religiosos, tanto das igrejas católicas como das igrejas evangélicas que tem atraído cada vez mais os jovens.

No entanto não há pesquisas que abordem esses movimentos religiosos abordando como temática a religião e a juventude, o que justifica a produção dessa pesquisa, como forma de ampliar os olhares para um cenário ainda não estudado.

### **Notas em torno da aplicação de um questionário**

Nosso objetivo é entender em que medida a vida universitária (nas salas de aula e fora delas) altera visões de mundo desses jovens. Partindo desse ponto desenvolvemos um *survey* a partir de pesquisas já produzidas em diferentes universidades do país que e que são utilizados como ferramenta de coleta e análise de dados.

O *survey* se estrutura em cinco blocos com 61 (sessenta e uma) questões. No Bloco 1 buscamos a identificação desses jovens (faixa etária, cor, estado civil), assim como sua situação de domicílio e renda financeira tendo em vista que a cidade de Parintins é um município polo no baixo Amazonas, que sedia universidades estaduais e federais como também universidades particulares, assim como outros fatores, há presença dessas instituições acaba atraindo estudantes de diversas áreas seja de municípios vizinhos como de comunidades próximas à cidade de Parintins. O primeiro bloco busca ainda, os locais onde esses jovens estudaram se em escolas públicas ou particulares, buscando entender se essas escolas possuíam algum tipo de seguimento ou credo religioso específico.

No Bloco 2, buscamos as crenças religiosas desses jovens, partindo do ponto de *quê* e *em quê* acreditam (Deus, Santos, Seres da Floresta, Entidades e Orixás entre outras), assim como a principal razão que levam esses jovens a crer. O segundo bloco também aborda questões voltadas para as religiões dos pais, e em seguida questiona qual a religião desses jovens e identifica quais instituições ou agentes religiosos influenciam direta ou indiretamente na escolha da religião desses jovens.

Procuramos entender também a frequência com que esses jovens participam das atividades da sua própria religião assim como sua participação em atividades de outras religiões, buscando identificar quais as outras religiões que despertam o interesse desses jovens.

O Bloco 3 aborda questões voltadas para a participação dentro e fora do ambiente universitário. Inicialmente questionamos se esses universitários já haviam concluído algum curso superior ou se já haviam desistido de alguma graduação anteriormente. Mais adiante buscamos entender se esses jovens participam de programas que geram bolsas oferecidas pela universidade.

Buscamos compreender qual a motivação que levou a escolha para determinado curso e como avalia a formação que está recebendo. O bloco três busca avaliar a liberdade e exercício dos posicionamentos desses jovens, assim como espaços para estudos, reflexões interdisciplinares e discussões de temas gerais ligados à política e sociedade. Questionamos acerca da participação desses jovens em grupos de estudos, como também a participação em palestras e eventos promovidos pelo próprio curso ou de outros cursos diferentes, assim como a relação entre aluno e professor e alunos com alunos de outros de cursos.

No Bloco 4 buscamos as crenças religiosas e a vida acadêmica desses jovens a fim compreender em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos jovens estudantes do CESP/ UEA. Iniciamos esse bloco questionando o que esses jovens entendiam acerca do conceito de Estado laico e laicidade.

Mais adiante questionamos esses jovens a fim de entender se a universidade implementa a laicidade prevista na legislação brasileira. Partindo dessa visão procuramos questionar os jovens com o intuito de saber se esses jovens presentes na universidade concordam com a realização de algum tipo de atividades de cunho religioso dentro da universidade.

Em seguida procuramos abordar se em algum momento os conteúdos ministrados durante as disciplinas contestaram as suas convicções e crenças religiosas desses jovens, como também, as crenças e religiões dos professores, impedem de alguma forma de ministrar determinados conteúdos. Também buscamos entender se

em algum momento esses se jovens se sentiram incomodados por alguma abordagem científica de fatos religiosos na sala de aula, assim como sua percepção em relação a religião e ciência. Mais adiante procuramos também aborda questões voltadas para os conteúdos estudados se ampliam a visão de mundo desses jovens.

O último bloco, Bloco 5, buscamos compreender crenças religiosas e participação cívica desses jovens. Inicialmente pedimos para que levassem em consideração os posicionamentos de seu grupo, movimento religioso ou igreja sobre os temas em questão, a primeira questão está voltada para o uso e de preservativos e pílulas anti-concepcionais a fim de entender o posicionamento favorável ou desfavorável acerca do uso desses itens. Em seguida questionamos sobre seu posicionamento em relação a descriminalização do aborto que são temas que tem nos últimos anos tem ganhados bastantes destaques nas mídias e em outros meios de comunicação.

O Bloco 5 aborda questões voltadas para a concepção de que o conceito de família compreende apenas a formação: homem + mulher e filhos buscando o posicionamento favorável ou desfavorável desse jovens, como também sobre a união civil entre homoafetivos. Mais adiante procuramos identificar qual o pensamento desses jovens sobre a homoafetividade. Em seguida questionamos os jovens acerca do seu posicionamento em relação ao ato sexual antes do casamento religioso a fim de identificar possíveis implicações religiosas. Também questionamos sobre o uso de drogas ilícitas (como álcool, tabaco e maconha, por exemplo) a fim de identificar possíveis implicações religiosas.

Finalizado o *survey*, procuramos identificar o posicionamento desses jovens em relação ao porte de armas por cidadãos comuns, como questões voltadas sobre a pena de morte, assim como questões relacionadas ao posicionamento político ou preferência por candidatos (de esquerda ou direita), ou se possuem algum tipo de filiação partidária. O principal objetivo do trabalho foi elaborar um questionário que, ao mesmo tempo, dialogasse com outras pesquisas desenvolvidas em universidades brasileiras (em especial do Sul e Sudeste) e que desse conta de cobrir uma lacuna de informações sobre a Amazônia, atendendo aos nossos objetivos específico, ou seja, investigar as interfaces entre religião e ciência.

### **Análise dos dados**

Regina Novaes (2011) afirma que ao lado de outros recortes como classe, gênero, raça entre outros, a religião é vista como um dos aspectos que compõem a grande diversidade da juventude brasileira e que a religião ocupa um espaço fundamental entre os assuntos que os jovens gostam de discutir não só com seus pais, mas também com amigos e com a sociedade.

Comparando com os jovens que nasceram no final da década de 1970, onde o contexto do final da Guerra Fria ou do período pós-industrial com o grande aumento dos setores da informação, violência, a busca por estabilidade financeira, marcou as experiências e a forma de viver a vida desses jovens. Segundo Regina Novaes (2011), os jovens de hoje, estão sujeitos a novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, produzem e reproduzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos e que “é nesse cenário que se coloca o desafio de compreender o “quanto”, “como” e “quando” o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração” (Novaes, 2011, p. 265).

Partindo dessa breve discussão, buscamos aqui traçar o perfil dos jovens de Ensino Superior do Curso de História da Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, analisando em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos estudantes. A metodologia utilizada – aplicada ao universo total dos graduandos em História – nos permite comparar os resultados com pesquisas realizadas com estudantes universitários de outras partes do país, inferindo eventuais choques entre religião e ciência, bem como o quanto os jovens imputam à experiência universitária o afastamento progressivo de antigas crenças e práticas religiosas.

A pesquisa contou com uma amostra de sessenta e três (63) questionários aplicados em três turmas do curso de História do CESP/UEA.<sup>3</sup> Se buscarmos de maneira mais superficial o perfil desses jovens universitários do curso de história ele seria: um jovem com idade entre 20 e 24 anos (52,5%) do sexo masculino (54%), que se declara de cor parda (71,5%), solteiro (86%), que vive com os pais e/ou familiares (59%), que não trabalha e depende dos pais (41%), possuindo uma renda familiar de até 2 salários mínimos (73%), sem filhos (73%) e que estudou em escolas públicas (95%), mas apenas 08% creditam à escola um regime de laicidade (sem nenhuma orientação religiosa).

### **Crença religiosa**

No que se referem à crença em sua totalidade os estudantes afirmam acreditar em Deus (82,5%). Dentre a maioria dos estudantes, 66% afirmam acreditar em Jesus

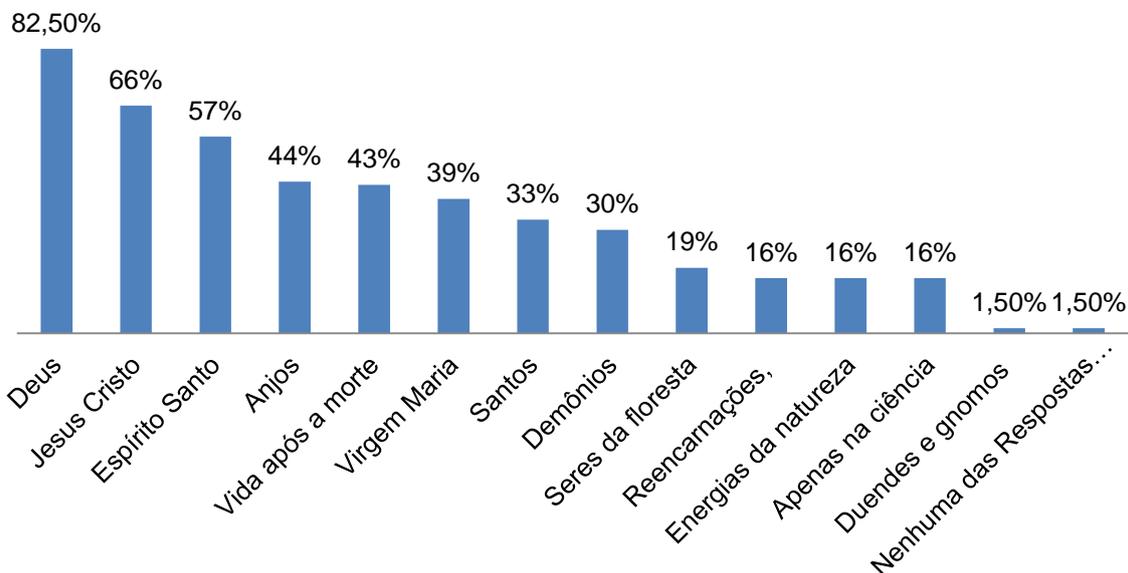
---

<sup>3</sup> De acordo com dados disponíveis no Sistema Liceum, de gestão dos dados acadêmicos, estavam matriculados no primeiro semestre de 2017 (quando os questionários foram aplicados) 118 estudantes. Nosso objetivo foi aplicar o questionário a todos os alunos, mas os questionários foram respondidos em dias aleatórios e o número oscilou de acordo o quantitativo de alunos presentes na sala. Foram entrevistados 18 est. no 3º período; 22 no 5º período e 23 no 7º período.

Cristo, seguido de perto pelo Espírito Santo (57%). Diferentes dos que tiveram uma porcentagem maior, estão os estudantes que afirmam acreditar em Vida após a morte (43%), em seguida os estudantes que acreditam na Virgem Maria (39%), seguido dos estudantes que acreditam em anjos (44%), em seguida 33% acreditam em Santo. Bem próximos estão os estudantes que afirmam acreditar em Demônios (30%). Os dados apresentados acima caracterizam uma forte presença de segmentos das religiões cristãs ou que possuem algum tipo de influência como as religiões afro-brasileiras que cultuam alguns santos que estão presente também no catolicismo.

No entanto, é possível identificar uma grande diversidade de crenças entre esses estudantes o que caracteriza um pluralismo religioso bastante forte, como mostra os dados obtidos na pesquisa. Entre os estudantes do curso de História (19%) afirmam acreditar em Seres da floresta, seguido pelos que afirmam acreditar em Reencarnações, Energias da natureza e aqueles que acreditam apenas na ciência, todas as três categorias somam a mesma porcentagem cada, cerca de (16%). Já finalizando esse primeiro item, estão os estudantes que acreditam em Duendes e gnomos (1,5%) e por último também com a mesma porcentagem estão os estudantes que não acreditam em nenhuma das opções cerca de (1,5%). Uma visão panorâmica desses dados pode ser obtida no gráfico abaixo.

**Gráfico 1: Crenças Religiosas dos estudantes de História do CESP/UEA**



### Religião dos pais

No que se refere à religião dos pais, é possível perceber uma forte presença da religião católica entre praticantes e não praticantes, no entanto, as mães são mais católicas do que os pais, esses dados demonstram uma grande influência sobre a escolha

da religião dos filhos. O mesmo caso ocorre com os pais que são de outras religiões como mostra a tabela abaixo.

**Tabela 1**

<b>Religião</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
<b>Católico praticante</b>	38%	43%
<b>Católico não praticante</b>	30%	19%
<b>Protestante</b>	9,5%	12,5%
<b>Evangélico pentecostal</b>	9,5%	9,5%
<b>Espírita Kardecista</b>	-	3%
<b>Religiões afro-brasileiras</b>	-	1,5%
<b>Acredita em Deus, mas não tem religião</b>	8%	8%
<b>Outra</b>	-	1,5%

Os dados são bastante diferentes comparando à religião dos pais com a religião das mães. Em sua maioria as mães aparecem sendo mais religiosas que os pais, tanto nas religiões católicas como nas religiões protestantes, entre outras. Um dado interessante mostra que as mães dos estudantes seguem religiões diferentes da dos pais, como mostra a tabela acima, enquanto as mães somam (3%) em relação à religião espírita, os pais não mostram estimativas, o mesmo ocorre com as mães que seguem as religiões afro-brasileiras (1,5%), que são religiões diferentes das dos pais, como foi observado em algumas dos questionários aplicados, onde os pais seguem religiões diferentes das mães, por exemplo, um pai seguir a religião católica e a mãe seguir as religiões protestantes ou as religiões afro-brasileiras.

Fazendo uma comparação com outras pesquisas, essa diferença entre as religiões dos pais não é muito diferente, como pode ser observada na pesquisa “Ser jovem em Minas Gerais”<sup>4</sup> é possível perceber a grande hegemonia da religião católica em relação as outras religiões. Entre os pais 75,6% seguem a religião católica enquanto as mães católicas somam 82,3%. Os pais protestantes também possuem uma pequena porcentagem (4,8%) enquanto as mães somam 8,4%. Outras religiões como os espíritas também possuem uma pequena porcentagem, os pais somam 2%, enquanto as mães possuem 2,6%. E em relação às religiões afro-brasileiras os pais possuem 0,5%, enquanto as mães somam cerca 0,3%. Essas características influenciam principalmente na escolha da religião dos seus filhos que podem seguir ou não o mesmo caminho.

---

<sup>4</sup> É importante afirmar que a pesquisa Ser jovem em Minas Geria: religião, cultura e política, é uma contribuição importante para os estudos da juventude e religião que buscou analisar a crescente desinstitucionalização religiosa, perda do monopólio de práticas e de crenças religiosas pelas igrejas e pelas religiões, acompanhada de uma ampla disseminação de uma religiosidade poliforme por todos os setores no espaço público moderno – política, terapia e saúde, lazer, turismo, gênero e sexualidade e juventude, entre outros.

## A religião dos jovens

Como observado anteriormente os jovens estudantes seguem em sua maioria a mesma religião dos pais, nesse caso prevalece à hegemonia do catolicismo como religião majoritária, cerca de 30% dos jovens se declaram católicos praticantes, sendo que 25% dos estudantes declararam ser católicos não praticantes, em contraponto estão os evangélicos pentecostais que somam cerca de 12,5%. Logo em seguida, estão os estudantes que acreditam em Deus, mas não possuem religião com (12,5%), a mesma porcentagem dos evangélicos pentecostais, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 2

Religião dos Jovens	
Católico/a praticante	30%
Católico/a não praticante	25%
Evangélico/a pentecostal	12,5%
Acredita em Deus, mas não tem religião	12,5%
Ateu/ateia	8%
Protestante	4%
Religiões afro-brasileiras	3%
Outra	3%

A tabela acima também mostra há diversidade religiosa entre os estudantes, mas o que chama atenção é o número de jovens que declaram ser ateu (8%) um número acima dos jovens que se declaram protestantes que somam (4%), as religiões afro-brasileiras (3%) também possuem a mesma porcentagem da questão outras.

Quando comparados os dados com à pesquisa “Elementos religiosos do universitário”,<sup>5</sup> os resultados não são muitos diferentes, à pesquisa mostra que (65%) dos jovens se declaram católicos seguido dos evangélicos que somam (13%), os espíritas com (6%), budistas (2%), seguido pelos jovens que afirmam não possuir religião (6%). Fazendo uma comparação entre as duas pesquisas, encontramos semelhanças entre os dados, principalmente na forte presença da religião católica, apesar de serem regiões bem distantes uma da outra, os dados mostram uma forte semelhança entre as duas regiões que seria a predominância do catolicismo. No entanto, os pequenos dados apresentam outras religiões, assim como os jovens “sem religião” que comparado com outras religiões possuem uma porcentagem bem maior cerca de (12,5%). Comparando os dados entre uma pesquisa e outra, identifica-se que o número de jovens do

---

<sup>5</sup> A pesquisa Elementos religiosos do universitário é parte de um projeto de pesquisa sobre a compreensão religiosa entre os estudantes da educação básica e do ensino superior [...]. Os resultados apresentados são de 72 estudantes universitários de uma instituição de ensino do Paraná das áreas de exatas e sociais, na faixa etária entre 18 e 35 anos.

curso de história que se declaram “sem religião” é bem maior (12,5%) do que os jovens universitários da pesquisa realizada no Estado do Paraná que somam cerca de (6%) dos jovens. O que caracteriza em partes, que os jovens têm ganhado cada vez mais autonomia na hora de escolha por uma religião ou na busca de novas alternativas que se encaixe com suas opiniões e formas de ver a vida atrelada ou não a uma religião.

### **O que mais influenciou a escolha da sua religião?**

É interessante observar a forte influência da família na escolha da religião dos estudantes, que somam (46%), no entanto, surge uma característica interessante entre os estudantes na hora de escolher a sua religião, que são as suas próprias necessidades espirituais (32%), apesar de a família ter forte influência, os estudantes têm buscado outros motivos na hora de escolher a sua religião como mostra à tabela abaixo.

**Tabela 3**

<b>O mais influenciou a escolha da sua religião</b>	
<b>Família</b>	46%
<b>Suas próprias necessidades espirituais</b>	32%
<b>Outra</b>	12,5%
<b>Crises pessoais</b>	8%
<b>Amigos</b>	1,5%
<b>Não tem religião</b>	-
<b>Agentes religiosos</b>	-

Fazendo uma comparação entre as tabelas 1, 2 e 3, encontramos ligações entre a religião dos pais com a religião dos jovens e o que influenciou a escolha por aquela religião. Os dados obtidos mostram que os jovens do curso de História têm sofrido grande influência da família na hora de escolher sua religião. No entanto, o que chama atenção na tabela 3 acima, são as outras formas que jovens encontram na hora de escolher a sua religião. Fugindo do foco da família os três índices abaixo demonstram que os jovens têm buscado outras formas de escolher sua religião, um desses índices são as “suas próprias necessidades espirituais” (32%), uma grande porcentagem comparado às outras. Levantaremos algumas hipóteses para tentar entender esse processo.

Uma das hipóteses é a grande facilidade de acesso à informação nos dias atuais, principalmente no ambiente universitário, o conhecimento adquirido dentro e fora de sala aula permite que os jovens tenham o contato com outras questões que levam a refletir (ou não) sobre suas crenças e práticas religiosas, que caracteriza a opção “outra”, que apresenta (12,5%), ou seja, o contato e o convívio com experiências e

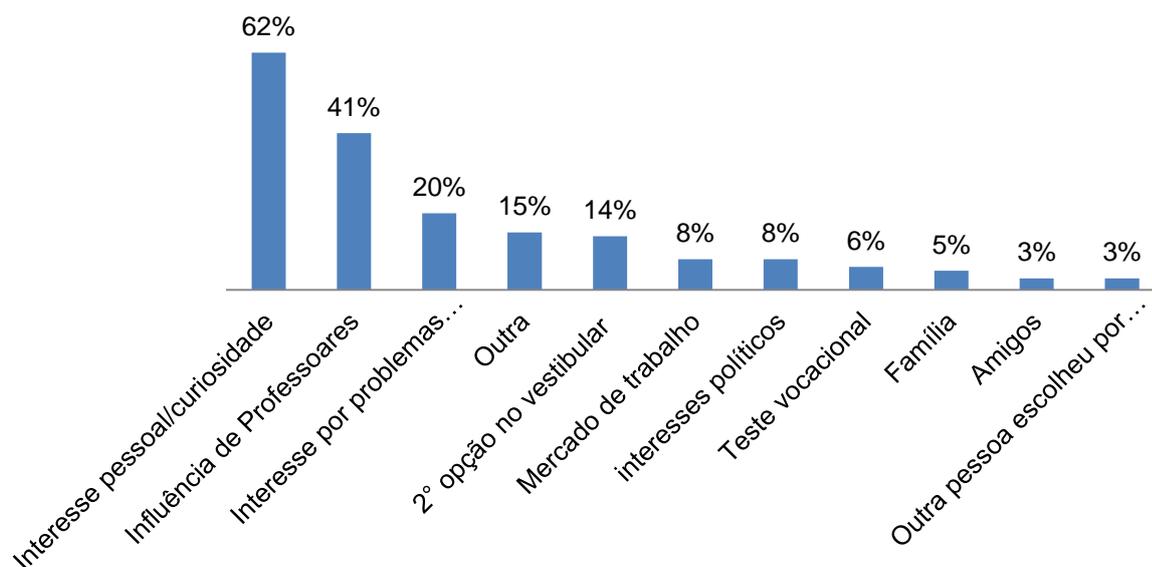
práticas dentro e fora do ambiente acadêmico resulta no contato com outras formas de ver o mundo que podem influenciar (ou não) na religiosidade desses jovens. Outro dado importante presente na tabela acima é a questão “crises pessoais” que somam (8%), e a questão “amigos” que somam (1,5%). Os dados apresentados acima mostram a grande influência da família na escolha da religião dos filhos, também mostra as outras formas que jovens tem buscado na hora de escolher uma religião, assim como os jovens têm afirmado que escolheram suas religiões através das suas crises pessoais ou através de amigos como mostra tabela acima, o que caracteriza apesar de possuir uma porcentagem baixa os jovens têm procurado novos meios de escolher sua religião não, mas atrelado à família.

### **Juventude e Universidade**

A Universidade do Estado do Amazonas (Campus Parintins) é o principal polo universitário na região do baixo Amazonas, atendendo municípios vizinhos como Barreirinha, Nhamundá, Maués, entre outros municípios, assim como inúmeras comunidades rurais próximas e afastadas da cidade, atualmente são oferecidos nesta unidade da UEA, oito cursos de licenciatura: Biologia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química, atraindo inúmeros jovens estudante em busca de uma formação de nível superior. No entanto, como foi afirmando acima, trabalhamos somente como as três turmas do curso de História. Nessa parte iremos aborda a relação dos jovens com a universidade e suas relações com os demais cursos oferecidos.

Uma das questões abordadas no questionário pergunta se esses jovens já cursaram algum curso superior, (90,5%) dos jovens responderam que não, contra (9,5%) que responderam que sim, uma grande diferença, mas já esperada devido ao grande número de jovens com idade entre 20 e 24 como foi citado acima. No entanto, podemos entender um pouco mais do motivo que levou esses jovens a optarem pelo curso de História, o gráfico abaixo mostra “o que motivou na escolha desse curso”.

**Gráfico 2: O que motivou na escolha desse curso?**



O gráfico mostra dados interessantes, (62%) dos jovens afirma ter escolhido o curso de História a partir do seu interesse pessoal (ou curiosidade). No entanto, o que chama atenção é o grande índice de jovens que sofrem influência de professores somando (41%). Com o terceiro maior índice, estão os jovens que afirmam ter escolhido o curso com interesse por problemas sociais. No gráfico é possível perceber que a família não possui tanta influência sobre a escolha do curso do seu filho, como influencia a escolha da religião. Outro dado interessante mostra que o curso correspondeu apenas em partes as expectativas dos jovens no momento do ingresso (50%), contra apenas (48,5%) dos jovens que responderam que o curso correspondeu sim as suas expectativas, o que caracteriza a escolha do curso como foi citado acima. Quando questionados sobre sua participação em eventos ou palestras oferecidos por outros cursos (81%) dos jovens responderam que “sim, às vezes”, contra apenas (1,5%) dos jovens que responderam “não, nunca tive interesse em participar”. Os dados mostram que a maioria desses jovens costuma participar de eventos de outros cursos caracterizando uma relação constante com questões e assuntos que não são discutidos dentro do seu curso. Podemos afirmar ainda mais essa questão quando questionamos os estudantes, sobre sua relação com os acadêmicos de outros cursos.

### **Religião, Juventude**

Tomando como referência a legislação brasileira que considera o Estado laico “aquele que não intervêm em matéria religiosa, não privilegia nem persegue nenhum credo e seus praticantes, não patrocina nem interdita o culto” (cf. Cartilha do Conselho Nacional do Ministério Público). A universidade como um espaço público atrelado ao Estado

o que logo significa, uma instituição laica, sem relação ou referência com instituições religiosas ou seguidoras de determinadas crenças. No entanto, a universidade se põe aberta a qualquer tipo de manifestação de cunho religioso (ou não) como garante a Constituição brasileira de 1988, citada acima.

Os dados obtidos na aplicação do questionário mostram características importantes da vida acadêmica e da religiosidade dos jovens dentro da universidade. Fazendo referência com a discursão apresentada acima sobre estado laico quando questionamos os jovens sobre o conceito de estado laico, (87%) dos jovens responderam que já ouviram falar e saibam do que se tratava, no entanto, o que chama atenção, são os (5%) dos jovens que responderam que nunca ouviram falar de estado laico, apesar de ser uma porcentagem pequena o que chama atenção é a falta de conhecimento em relação à liberdade religiosa garantido na constituição, como mostra a tabela abaixo.

**Tabela 4**

<b>Você já ouviu falar em Laicidade/ Estado Laico?</b>	
<b>Sim e sei do que se trata</b>	87%
<b>Sim, já ouvi falar, mas não sei do que se trata</b>	8%
<b>Não, nunca ouvi falar</b>	5%

A seguir questionamos os jovens sobre a implementação da laicidade por parte da universidade, 60% dos jovens responderam que sim, contra (20%) dos jovens que responderam que a universidade não implementa à laicidade. No entanto, quando questionamos os jovens sobre a realização de atividades de cunho religioso (proselitistas = de propaganda religiosa, como cultos e grupos de oração) dentro da universidade, 51% responderam que “sim, desde que seja para todas as religiões”, em seguida o que chama atenção é os 35% dos jovens que responderam que “não, em nenhum caso”, como mostra a tabela abaixo.

**Tabela 5**

<b>Você concorda com a realização de atividades de cunho religioso (proselitistas = de propaganda religiosa, como cultos e grupos de oração) dentro da Universidade?</b>	
<b>Sim, desde que seja para todas as religiões</b>	51%
<b>Não, em nenhum caso</b>	35%
<b>Sim, desde que seja para a sua religião</b>	1,5%
<b>Não tem opinião formada</b>	12,5%

Segundo os dados apresentados é possível perceber que a maioria desses estudantes concorda com a realização de atividades de cunho religioso dentro da univer-

sidade, no entanto, o segundo maior índice demonstra que a outra maioria dos jovens não concorda com nem uma atividade de cunho religioso dentro da universidade. O que podemos identificar nessas é que uma parcela desses jovens aceita esse tipo de atividade religiosa e um a outra parte não aceita.

Levando essa discussão para dentro da sala aula, mas abordando os assuntos ministrados nas disciplinas durante o curso, nosso objetivo é compreender em que medida os conteúdos ministrados em sala de aula contestam as crenças dos jovens estudantes, a fim de entender os possíveis choques entre os conteúdos ministrados dentro da sala de aula e as crenças desses estudantes. Como mostra a tabela abaixo.

**Tabela 6**

<b>Em algum momento os conteúdos ministrados durante as disciplinas contestaram as suas convicções/ crenças religiosas?</b>	
<b>Sim, algumas vezes</b>	46%
<b>Não, nunca</b>	36,5%
<b>Sim, com frequência</b>	9,5%
<b>Sim, apenas em um caso</b>	8%

Os dados apresentados acima mostram claramente que uma parte dos estudantes teve suas crenças religiosas contestadas pelos conteúdos ministrados em sala de aula, somando (46%), em relação ao segundo índice que soma (36,5%). Os dados apresentados tanto na tabela 5 como na tabela 6 mostram uma semelhança entre os dados, na tabela 5, os dados mostram que uma parcela dos estudantes aceita atividades religiosas dentro da universidade, sendo que a outra parcela não aceita esse tipo de atividade. Na tabela 6, é possível identificar essa mesma divisão, entre os que tiveram suas crenças e convicções contestadas e os que não tiveram nem um tipo de mudança. Os dados apresentados mostram que uma parte desses jovens é mais religiosa que a outra e que podem sofrer (ou não) esse tipo de mudança em suas convicções religiosas.

Mais adiante os jovens foram questionados se a crença e a religiosidade dos professores os impedem de ministrar determinados conteúdos, como mostra a tabela abaixo, onde podemos observar que (79%) dos jovens responderam que as convicções religiosas dos professores não interferem de maneira alguma no momento da aplicação do conteúdo dentro da sala de aula.

**Tabela 7**

<b>Você acredita que as crenças/religiões dos seus professores, os impedem de ministrar determinados conteúdos?</b>	
<b>Não, pois eles sabem separar convicções religiosas pessoais e</b>	79%

<b>as discussões acadêmico-científicas.</b>	
<b>Nunca pensei sobre isto.</b>	8%
<b>Não, pois eles são, na maioria das vezes, ateus e antirreligiosos.</b>	6,5%
<b>Sim, pois eles se mostram divididos entre crenças religiosas e teorias científicas.</b>	6,5%

Analisando os dados da tabela 7 com os dados da tabela 6, é possível identificar que os conteúdos ministrados atingem com mais força as crenças religiosas dos jovens do que a religião dos professores. Os dados se repetem na questão seguinte, quando os estudantes são questionados, se em algum momento se sentiu incomodado por alguma abordagem científica de fatos religiosos na sala de aula. É possível identificar que entre os estudantes (68,5%) responderam que nunca se sentiram incomodados ou constrangidos em relação às abordagens científica de fatos religiosos, no entanto, o que chama atenção, são os dois outros índices abaixo, onde (19%) dos jovens responderam que algumas teorias científicas atacam a religião e (12,5%) dos jovens responderam que de algum modo à linguagem do professor foi inadequada ao se referir à religião. Os dados mostram que uma parcela dos estudantes se sentem incomodados quando o conteúdo abordado está relacionado com alguns tipos de abordagem religiosa ou a forma com que esses conteúdos são ministrados dentro da sala de aula

Quando o assunto se volta para a discussão entre religião e ciência, (52%) dos estudantes afirmam que a religião e a ciência são perfeitamente conciliáveis, já que são formas distintas de ver o mundo, no entanto, o segundo maior índice mostra totalmente o contrário, cerca de (40%) dos estudantes afirmam que a religião e a ciência vivem em permanente tensão, já que suas explicações se chocam o tempo todo.

Fazendo uma análise dos dados que foram apresentados, é possível perceber uma divisão entre os estudantes do curso de História, como foi mostrado nas tabelas acima, o que significa que uma parcela dos jovens de alguma forma possui certa resistência em relação aos conteúdos ministrados que abordam questões religiosas, ou que atinge de maneira agressiva as crenças e convicções religiosas dos jovens.

### **Religião e Participação cívica entre os universitários**

Na última parte do questionário abordamos algumas questões sobre política e sua relação com a religião. Ao iniciar o bloco “crenças religiosas e participação cívica”, pedimos que os jovens levassem em consideração os posicionamentos de seu grupo, movimento religioso ou igreja sobre o tema em questão.

Quando questionados sobre seu posicionamento em relação ao uso da camisinha ou de pílulas anticoncepcionais, (95,5%) dos jovens afirmam ser favoráveis ao uso de preservativos e pílulas anticoncepcionais, contra apenas (3%) dos jovens que se posicionaram contra o uso de preservativos.

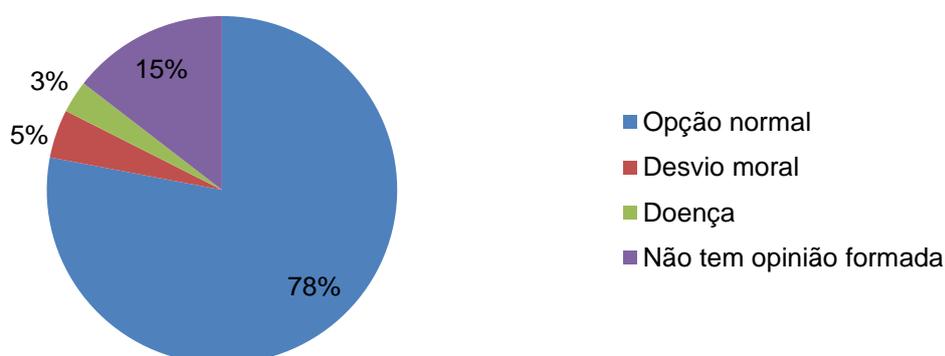
A segunda questão aborda acerca da descriminalização do aborto, onde 28,5% dos jovens se posicionaram favoráveis, contra 43% dos jovens que posicionaram desfavoráveis, uma diferença menor em relação à primeira questão, o que caracteriza os jovens possuem posicionamentos e opiniões diversas acerca do que está sendo abordado.

Na questão seguinte é possível identifica ainda mais essa diferença de opiniões entre os estudantes. Quando questionados sobre a concepção de que o conceito de família compreende apenas a formação: homem+mulher e filhos, (40%) dos jovens se posicionaram favoráveis, contra (57%) dos jovens que se posicionaram desfavoráveis, isso caracteriza um grande no número de jovens que aceitam esse tipo de formação familiar como única e certa.

Outra questão abordada está relacionada à união civil entre homoafetivos (pessoas do mesmo sexo), onde (67%) dos jovens se posicionaram favoráveis, contra (22%) dos jovens que se posicionaram desfavoráveis. O que demonstra um número bem maior de aceitação comparado ao índice de composição do conceito de família.

Quando questionados sobre o que pensam sobre a homoafetividade, (78%) dos jovens afirmam que a homoafetividade é uma opção normal, contra (4,5%) dos jovens que afirmam ser um desvio moral. Como mostra o gráfico abaixo.

**Gráfico 3: Sobre a homoafetividade, você pensa que se trata de:**



Uma pequena parcela dos estudantes, cerca de (3%), afirma que a homoafetividade se trata de uma doença outros (15%) afirmaram não ter uma opinião formada. Apesar de uma maioria dos estudantes possuírem uma maior aceitação em relação a

homoafetividade uma pequena parcela ainda afirma se tratar de uma doença ou de um desvio moral.

Quando questionados sobre seu posicionamento em relação a pena de morte, (46%) dos jovens responderam ser desfavoráveis, contra (38%) dos jovens que afirmam ser favorável a pena de morte. Tirando os (16%) dos estudantes que não possuem uma opinião formada, é possível identificar certo equilíbrio entre os que são favoráveis a pena de morte e os que são desfavoráveis.

Quando as questões se voltam para a política ou afiliação partidária, os jovens não possuem uma participação mais afetiva. Quando questionados sobre sua preferência política por candidatos de esquerda ou direita, (59%) dos jovens afirmaram não ter preferência, sendo que (30%) dos jovens preferem políticos de esquerda, contra (1,5%) dos jovens que preferem políticos de direita.

Finalizando o último bloco, questionamos os jovens acerca da sua afiliação em partidos políticos, onde (92%) dos estudantes afirmaram não possuir nem um tipo de afiliação a partido político, contra (8%) dos jovens que afirmam ter afiliação a partido político.

### **Considerações finais**

Léa Perez, afirma que os jovens de hoje nasceram em tempos onde se é possível ter acesso a qualquer tipo de informação, dos mais diversos assuntos, assuntos esses que despertam o interesse e a curiosidade das pessoas de todas as idades, principalmente os jovens (Perez, 2009). O que caracteriza um campo complexo e diversificado, que discutem suas dúvidas com seus pais, amigos, professores, ou em grupos dentro e fora das igrejas e até mesmo levam discussões para dentro da sala de aula.

O jovem antes de entrar em um curso superior, tem vivido os mais diversos tipos experiências religiosas (ou não), uma juventude que segundo Perez (2009), vive a cultura do consumo, expostos a um cotidiano de trabalho e vulneráveis a violência urbana, mas que encontra ofertas de salvação de toda ordem. Todo esse processo de construção de valores e conceitos adquiridos principalmente dentro da família reflete dentro da sala de aula. Os jovens do curso de História possuem as mais diversas características, que possui uma consciência tranquila e objetiva, relacionando (ou não) o conhecimento adquirido dentro da universidade com sua vida fora da sala de aula.

O que podemos encontrar no curso de História, são jovens entre 20 e 24 anos, católicos, que vieram da rede pública de ensino, que ainda moram e dependem dos pais, que possuem uma renda familiar de até um salário mínimo. São jovens que possuem boa relação tanto com estudantes do seu curso como de outros cursos, mas que possuem posicionamentos diferentes no que diz respeito à religião e à ciência. É pos-

sível encontrar jovens que em algum momento teve suas convicções e crenças religiosas contestadas pelos conteúdos ministrados dentro da sala de aula, ou de conteúdos que de alguma forma pareceu ofensivo à suas crenças religiosas.

Jovens que se dividem entre a criminalização e a descriminalização do aborto, que se dividem entre a favor ou contra a pena de morte, que não possuem preferência por partidos políticos, o que caracteriza uma pluralidade de valores e posicionamentos entre jovens. Há juventude estuda caracteriza um campo rico e diversificado e que já possuem seus princípios e suas convicções já formulados e que já estão presente em seu dia-a-dia e nas decisões impostas por um mundo que tem sofrido transformações continuas ao longo dos anos.

### **Referências Bibliográficas:**

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania: 2011.

ARAÚJO, André Vidal. **Introdução à sociologia da Amazônia**. 2º ed. Manaus: Valer, EDUA, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar. “Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia!”. In: BIANCHEZZI, Clarice (et. al.). **Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas**. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015.

BORELLI, Silvia H.; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CAMURÇA, Marcelo. “Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários das Ciências Sociais de Juiz de Fora – MG”. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 2, agosto de 2001. pp. 37-64.

\_\_\_\_\_; TAVARES, Fátima. “Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica”. In: **NUPEM**. Juiz de Fora: UFJF, v. 7, n. 1, 2004. pp. 11-46.

\_\_\_\_\_; PEREZ, Léa Freitas; TAVARES, Fátima (org.). **Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política**. Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG, 2009.

CARDOSO, Alexandre; PEREZ, Léa Freitas; OLIVEIRA, Luciana. “Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude?! Um estudo comparativo sobre adesão religiosa e política entre estudantes de Ciências Sociais e Comunicação da FAFICH/UFGM”. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 2, agosto de 2001. pp. 65-102.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e viagens**: um estudo sobre a vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2º ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

JACOB, César Romero (et. al.). **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Brasília: CNBB; São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNGBLUT, Airton Luiz. “A religião entre estudantes de Ciências Sociais hoje: declínio do ateísmo ou despolarização de posicionamentos”. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 2, agosto de 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NOVAES, Regina. “Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?” In: ABRAMO, Helena Wendel (et. al.). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania: 2011.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; MORI, Geraldo de. **Mobilidade religiosa**: linguagens, juventude, política. São Paulo: Paulinas, 2012.

PEREZ, Léa Freitas. “Apontamentos sobre juventude, religião e valores”. In: PEREZ, Léa Freitas; (et. al.). **Ser jovem em Minas Gerais**: religião, cultura e política. Belo Horizonte: Argumentvm: FAPEMIG, 2009.

SANCHIS, Pierre. Prefácio. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2013.

SINGER, Paul. “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel (et. al.). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania: 2011.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 2º ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1977.